



Abordagens para a polifarmácia e seus riscos na terceira idade

Adna Salgado Matos ¹, Samantha dos Santos Tufic-Garutti ²



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n11p1172-1183>

Artigo recebido em 19 de Setembro e publicado em 09 de Novembro

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

A polifarmácia, caracterizada pelo uso simultâneo de múltiplos medicamentos, é comum entre idosos devido à alta prevalência de doenças crônicas que exigem tratamentos contínuos. Embora necessária para o manejo de condições de saúde complexas, a polifarmácia apresenta riscos significativos, como interações medicamentosas adversas e efeitos colaterais, que podem comprometer a qualidade de vida dos idosos. O objetivo geral desta pesquisa foi explorar as abordagens para o manejo da polifarmácia na terceira idade, identificando estratégias para minimizar os riscos associados. Foi realizada uma revisão de literatura qualitativa, com busca de artigos publicados entre 2020 e 2024 nas bases de dados Lilacs, periódicos Capes e Scielo. Os critérios de inclusão abrangeram estudos que abordassem diretamente a polifarmácia em idosos e os riscos associados ao uso de múltiplos medicamentos. A pesquisa revelou que a polifarmácia é frequentemente necessária devido às comorbidades comuns em idosos, mas que a falta de coordenação entre os profissionais de saúde e a complexidade dos regimes terapêuticos aumentam os riscos de interações adversas. Foram destacadas diretrizes como a desprescrição, a revisão regular dos medicamentos e a educação dos pacientes e cuidadores como estratégias essenciais para um manejo seguro da polifarmácia. O estudo conclui que a implementação dessas práticas pode melhorar a qualidade de vida dos idosos, promovendo o uso racional e seguro dos medicamentos.

Palavras-chave: Polifarmácia. Terceira idade. Riscos.

APPROACHES TO POLYPHARMACY AND ITS RISKS IN OLD AGE

ABSTRACT

Polypharmacy, characterized by the simultaneous use of multiple medications, is common among older adults due to the high prevalence of chronic diseases that require continuous treatments. Although necessary for the management of complex health conditions, polypharmacy presents significant risks, such as adverse drug interactions and side effects, which can compromise the quality of life of older adults. The overall objective of this research was to explore approaches to the management of polypharmacy in old age, identifying strategies to minimize the associated risks. A qualitative literature review was conducted, searching for articles published between 2020 and 2024 in the Lilacs, Capes and Scielo journals databases. The inclusion criteria included studies that directly addressed polypharmacy in older adults and the risks associated with the use of multiple medications. The research revealed that polypharmacy is often necessary due to common comorbidities in older adults, but that the lack of coordination among health professionals and the complexity of therapeutic regimens increase the risks of adverse interactions. Guidelines such as deprescribing, regular medication review, and patient and caregiver education were highlighted as essential strategies for the safe management of polypharmacy. The study concludes that implementing these practices can improve the quality of life of older adults by promoting rational and safe use of medications.

Keywords: Polypharmacy. Elderly. Risks.

Instituição afiliada – UNIVERSIDADE NILTON LINS (UNL)

Autor correspondente: Adna Salgado Matos adnamts@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A polifarmácia é definida como o uso simultâneo de múltiplos medicamentos por um indivíduo, é um fenômeno comum entre idosos devido maior frequência de doenças crônicas e condições de saúde que exigem tratamento contínuo (Vaz et al., 2020). Com o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento da população, o número de idosos que necessitam de múltiplas terapias medicamentosas está crescendo rapidamente (Matos et al., 2024).

Embora a polifarmácia possa ser necessária para gerenciar condições complexas de saúde, ela também apresenta riscos significativos, como interações medicamentosas adversas, aumento da probabilidade de efeitos colaterais, e dificuldades na adesão ao tratamento (Campos et al., 2024).

Esses fatores podem comprometer a qualidade de vida dos idosos e aumentar a probabilidade de hospitalizações e complicações graves. Assim, a abordagem adequada da polifarmácia na terceira idade se torna um desafio crítico para os profissionais de saúde, demandando estratégias que minimizem os riscos associados, ao mesmo tempo em que asseguram a eficácia dos tratamentos. O estudo de Matos et al. (2024) tem a finalidade de fazer diferentes abordagens para a polifarmácia em idosos, discutindo os riscos envolvidos e as práticas recomendadas para um manejo seguro e eficaz dessa condição.

O envelhecimento da população brasileira tem trazido à tona desafios crescentes no campo da saúde pública, sendo a polifarmácia um dos mais relevantes. A necessidade de controlar múltiplas doenças crônicas em idosos frequentemente leva ao uso concomitante de diversos medicamentos, aumentando o risco de interações medicamentosas adversas e complicações associadas. Além disso, o processo de envelhecimento modifica a farmacocinética e farmacodinâmica dos medicamentos, o que pode potencializar esses riscos. Portanto, a compreensão e o manejo adequados da polifarmácia são essenciais para a promoção de um envelhecimento saudável e a prevenção de agravos à saúde na terceira idade (De Castro; Lacerda; De Oliveira, 2024).

Em vista disso, tem-se a necessidade urgente de estratégias eficazes e seguras para o manejo da polifarmácia em idosos, um tema que, apesar de sua relevância, ainda

é subestimado em muitos contextos clínicos. O desenvolvimento de abordagens que visem minimizar os riscos da polifarmácia pode contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, reduzindo a incidência de eventos adversos e hospitalizações, além de promover um uso racional dos medicamentos. Este trabalho pretende preencher lacunas na literatura existente e oferecer dados importantes que possam ser aplicados na prática clínica e na formulação de políticas de saúde pública.

Realizar uma revisão de literatura sobre as abordagens para o manejo da polifarmácia e seus riscos na terceira idade, com o objetivo de identificar estratégias que possam ser utilizadas para minimizar os riscos associados ao uso múltiplo de medicamentos em idosos. Para tanto, os objetivos específicos se voltaram a identificar e revisar os principais fatores que contribuem para a polifarmácia em idosos, conforme descrito na literatura, analisar os riscos associados à polifarmácia na terceira idade, incluindo interações medicamentosas e efeitos adversos, com base em estudos e publicações relevantes e examinar as diretrizes e recomendações atuais disponíveis na literatura para o manejo da polifarmácia em idosos.

METODOLOGIA

Foi realizada uma abordagem qualitativa, centrada na realização de uma revisão de literatura. Esta revisão não foi de caráter sistemático, mas buscou compreender as abordagens para a polifarmácia e os riscos associados na terceira idade, conforme discutidos em publicações recentes. A seleção dos materiais ocorreu por meio de buscas nas bases de dados Lilacs, periódicos Capes e Scielo, considerando artigos publicados no período de janeiro de 2020 a julho de 2024.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos que abordassem diretamente a polifarmácia na terceira idade e aqueles que apresentassem resultados ou discussões sobre os riscos associados ao uso múltiplo de medicamentos em idosos. Por outro lado, foram excluídos estudos que não estavam disponíveis em texto completo nas bases de dados selecionadas e aqueles que tratavam de polifarmácia em populações que não se enquadravam na faixa etária da terceira idade.

Esses procedimentos fundamentaram-se na perspectiva de Lima e Mito, que destacaram a importância da pesquisa bibliográfica como um caminho para a

construção do conhecimento científico, permitindo ao pesquisador identificar e analisar os elementos já discutidos e validados na literatura existente. Dessa forma, este estudo se estruturou para proporcionar uma análise aprofundada e criteriosa das estratégias para o manejo da polifarmácia em idosos, contribuindo para a compreensão do tema no contexto da saúde pública e do envelhecimento populacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão sobre a polifarmácia em idosos, com base nas recentes contribuições da literatura, no qual localizou-se 13 artigos, após a exclusão de 24 artigos, destaca os desafios e as estratégias para minimizar os impactos negativos dessa prática comum, especialmente entre aqueles que sofrem de múltiplas comorbidades. Segundo Barros et al. (2023), a polifarmácia é uma realidade amplamente disseminada entre a população idosa, resultante da necessidade de tratar diversas condições crônicas simultaneamente. No entanto, essa prática aumenta significativamente o risco de interações medicamentosas adversas, comprometendo a segurança e a qualidade de vida dos pacientes. Para mitigar esses impactos, os autores sugerem a implementação de estratégias como a desprescrição e a revisão periódica dos regimes terapêuticos, que podem ajudar a reduzir a carga medicamentosa sem comprometer o controle das doenças.

Campos et al. (2024) abordam especificamente os desafios na gestão da polifarmácia em pacientes idosos com doenças cardiovasculares, destacando que a complexidade dos tratamentos para essas condições frequentemente resulta em múltiplas prescrições. A falta de coordenação entre os profissionais de saúde, que muitas vezes trabalham de forma isolada, pode levar à prescrição de medicamentos redundantes ou com interações negativas. Campos et al. sugerem que uma gestão integrada e centrada no paciente, com uma comunicação eficaz entre os diversos profissionais envolvidos no cuidado, é essencial para evitar as complicações associadas à polifarmácia.

Correia e Teston (2020) complementam essa discussão ao enfatizar a importância de um entendimento profundo dos fatores que contribuem para a polifarmácia em idosos. Eles argumentam que, além das comorbidades, fatores como o

acesso ao sistema de saúde, a educação dos pacientes e a fragmentação do cuidado desempenham papéis significativos no aumento do uso simultâneo de múltiplos medicamentos. Esses autores destacam que a educação continuada dos profissionais de saúde e dos pacientes pode ser uma ferramenta poderosa para reduzir os riscos da polifarmácia, promovendo um uso mais racional e seguro dos medicamentos.

A importância do geriatra na avaliação pré-operatória de idosos, discutida por Da Silva e Chalub (2024), também se insere nesse contexto. Esses autores apontam que o geriatra tem um papel fundamental na identificação de potenciais riscos associados à polifarmácia antes de procedimentos cirúrgicos. Ao realizar uma avaliação abrangente das condições do paciente, o geriatra pode ajudar a ajustar os regimes terapêuticos para minimizar os riscos de complicações durante e após a cirurgia, garantindo uma abordagem mais segura e eficaz para o manejo dos medicamentos em idosos.

Outro aspecto importante discutido na literatura é o papel do farmacêutico na gestão da polifarmácia. De Oliveira e Da Silva (2023) ressaltam que os farmacêuticos estão em uma posição estratégica para identificar e prevenir casos de intoxicação medicamentosa, especialmente aqueles associados à automedicação. A intervenção do farmacêutico pode incluir a revisão das prescrições, a orientação sobre o uso adequado dos medicamentos e a educação dos pacientes sobre os riscos da automedicação, o que contribui para a redução dos casos de intoxicação e melhora a segurança do tratamento.

Ferreira et al. (2021) discutem a prática da desprescrição como uma abordagem eficaz para o manejo da polifarmácia. Eles enfatizam que a desprescrição não deve ser vista apenas como a retirada de medicamentos, mas como um processo cuidadoso de avaliação contínua dos benefícios e riscos de cada medicamento para o paciente. A desprescrição, quando realizada de maneira adequada, pode reduzir significativamente a carga medicamentosa e os riscos associados à polifarmácia, melhorando a qualidade de vida dos idosos.

Finalmente, a literatura também explora as dificuldades específicas no manejo de medicamentos em situações complexas, como o tratamento da dor oncológica em idosos. De Oliveira (2023) destaca que o manejo de opioides, por exemplo, requer uma monitorização cuidadosa devido ao alto risco de efeitos adversos, especialmente quando combinados com outros medicamentos comuns em regimes de polifarmácia. A



personalização do tratamento, levando em conta as condições específicas de cada paciente, é essencial para minimizar os riscos e garantir um manejo eficaz da dor.

A continuidade da discussão sobre a polifarmácia em idosos enfatiza a necessidade de intervenções mais personalizadas e bem coordenadas para enfrentar os desafios que essa prática impõe. A literatura sugere que, além das intervenções clínicas, o papel das políticas de saúde e das orientações institucionais é crucial para criar um ambiente que suporte práticas seguras e eficazes na gestão da polifarmácia.

Furtado et al. (2021) reforçam a necessidade de políticas públicas que promovam a integração dos serviços de saúde, garantindo que os profissionais envolvidos no cuidado do idoso trabalhem em conjunto para evitar a duplicação de tratamentos e para monitorar de forma contínua os efeitos dos medicamentos prescritos. Essas políticas devem incluir a capacitação contínua dos profissionais de saúde para que estejam atualizados sobre as melhores práticas no manejo da polifarmácia, bem como o desenvolvimento de sistemas que facilitem a comunicação e a troca de informações entre diferentes especialidades.

A capacitação dos profissionais de saúde é um aspecto também enfatizado por Lima e Mito (2007), que destacam a importância de uma base sólida de conhecimento científico para a tomada de decisões clínicas bem fundamentadas. No contexto da polifarmácia, isso se traduz na necessidade de formação específica que permita aos profissionais identificar os riscos de interações medicamentosas e realizar uma gestão eficaz dos regimes terapêuticos complexos com os quais os idosos muitas vezes se deparam.

Além das estratégias já mencionadas, Barros et al. (2023) e Ferreira et al. (2021) sugerem a implementação de programas de acompanhamento contínuo para idosos que fazem uso de múltiplos medicamentos. Esses programas, que podem incluir visitas regulares ao médico e ao farmacêutico, ajudam a garantir que qualquer ajuste necessário nos medicamentos seja feito em tempo hábil, reduzindo assim o risco de complicações graves. A comunicação regular com os pacientes e seus cuidadores sobre o progresso do tratamento e possíveis preocupações com os medicamentos é outro componente essencial desses programas.

De Oliveira e Da Silva (2023) discutem também a importância de campanhas

educativas voltadas para a população idosa, visando aumentar a conscientização sobre os riscos da automedicação e a importância de seguir rigorosamente as orientações médicas. Essas campanhas podem ser implementadas em parceria com farmácias, centros de saúde e outras instituições voltadas para o cuidado do idoso, promovendo uma cultura de segurança no uso de medicamentos.

Por fim, a questão da personalização dos tratamentos, discutida por De Oliveira (2023), reforça a ideia de que cada paciente idoso deve ser tratado como um indivíduo único, com necessidades específicas que demandam uma abordagem terapêutica adaptada. Essa personalização não só melhora os resultados do tratamento, mas também minimiza os riscos associados ao uso de múltiplos medicamentos, garantindo que cada fármaco seja realmente necessário e que seus benefícios superem os possíveis efeitos adversos.

Em conjunto, as abordagens discutidas pelos diversos autores apontam para a necessidade de um manejo integrado e cuidadoso da polifarmácia em idosos. As estratégias sugeridas como a desprescrição, a educação dos pacientes, o acompanhamento contínuo e a personalização do tratamento são fundamentais para mitigar os riscos associados a essa prática e para promover um envelhecimento saudável. A implementação dessas práticas requer uma colaboração eficaz entre profissionais de saúde, pacientes e formuladores de políticas, criando um sistema de cuidado que seja tanto seguro quanto eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma revisão de literatura abrangente, foi possível identificar os principais fatores que contribuem para a polifarmácia na terceira idade, analisar os riscos associados ao uso múltiplo de medicamentos e examinar as diretrizes e recomendações disponíveis para o manejo desse fenômeno.

A polifarmácia na terceira idade, caracterizada pelo uso concomitante de múltiplos medicamentos, é uma prática comum devido à prevalência de doenças crônicas que exigem tratamentos contínuos. No entanto, essa prática acarreta riscos significativos, como interações medicamentosas adversas, efeitos colaterais aumentados e dificuldades na adesão ao tratamento. A revisão da literatura evidenciou

que a polifarmácia pode comprometer a qualidade de vida dos idosos, aumentando a probabilidade de hospitalizações e complicações graves.

Foram identificados os fatores que contribuem para a polifarmácia, como a presença de múltiplas comorbidades e a complexidade dos regimes terapêuticos. Foi verificado que o uso excessivo de medicamentos muitas vezes resulta de tratamentos fragmentados, onde diferentes profissionais de saúde prescrevem medicamentos sem uma coordenação adequada. Essa falta de integração no cuidado pode levar ao uso desnecessário de medicamentos, aumentando o risco de interações adversas e complicações.

A análise dos riscos associados à polifarmácia revelou que os idosos são particularmente vulneráveis a esses efeitos adversos devido a alterações na farmacocinética e farmacodinâmica decorrentes do envelhecimento. As interações medicamentosas podem resultar em efeitos colaterais graves, como toxicidade medicamentosa e reações alérgicas, comprometendo a funcionalidade e a autonomia dos idosos. A polifarmácia também pode levar a um ciclo vicioso, onde novos medicamentos são introduzidos para tratar os efeitos adversos de outros, exacerbando ainda mais o problema.

As diretrizes e recomendações para o manejo da polifarmácia, discutidas na pesquisa, marcam a importância de uma abordagem integrada e multidisciplinar. A desprescrição, a revisão regular dos regimes terapêuticos e a personalização do tratamento foram identificadas como estratégias essenciais para reduzir a carga medicamentosa e minimizar os riscos associados. A educação dos pacientes e cuidadores, assim como a comunicação eficaz entre os profissionais de saúde, são componentes fundamentais para garantir um manejo seguro da polifarmácia.

A implementação dessas práticas permite um cuidado mais seguro e eficaz para os idosos, promovendo um envelhecimento saudável e uma melhor qualidade de vida. Com base nas evidências revisadas, conclui-se que as abordagens discutidas oferecem soluções viáveis para mitigar os riscos da polifarmácia, assegurando que o uso de medicamentos em idosos seja feito de maneira racional e segura. Dessa forma, a pesquisa alcançou seus objetivos, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos desafios e das estratégias necessárias para o manejo adequado da polifarmácia na



terceira idade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Caroline Muniz et al. Estratégias para reduzir os impactos da polifarmácia em idosos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 11, p. 2459-2470, 2023.

CAMPOS, Ana Paula Porto et al. Abordagens e desafios na gestão da polifarmácia em pacientes com doenças cardiovasculares. *Epitaya E-books*, v. 1, n. 78, p. 41-68, 2024.

CORREIA, Wellington; TESTON, Ana Paula Margioto. Aspectos relacionados à polifarmácia em idosos: um estudo de revisão. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 11, p. 93454-93469, 2020.

DA SILVA, Adriana Potratz; CHALUB, Sidney Raimundo Silva. A importância do geriatra na avaliação pré-operatória em idosos. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 7, n. 4, p. e71960-e71960, 2024.

DE OLIVEIRA, Helen; DA SILVA, Claudinei Mesquita. Atuação do farmacêutico na redução do número de casos de intoxicação medicamentosa associada à automedicação em idosos. *Research, Society and Development*, v. 12, n. 12, 2023.

DE OLIVEIRA, Wandyna Braga. Principais dificuldades no manejo de opioides para dor oncológica em idosos. *Repositório Institucional do Unifip*, v. 8, n. 1, p. 3-3, 2023.

FERREIRA, Lucas Martins; FERREIRA, Mariana Pires; NETO, Vicente Spinola Dias. Desprescrição aplicada à polifarmácia. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 3, p. 10464-10474, 2021.

FURTADO, Nathália Lacerda et al. Polifarmácia na população longeva: os limites entre a medicação incontinente e as repercussões fisiopatológicas Polypharmacy in the elderly population: the limits between incontinent medication and pathophysiological repercussions. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 5, p. 23224-23240, 2021.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katál. Florianópolis*, v. 10 n. esp. p. 37-45. 2007.

REZENDE, Gustavo Rodrigues de et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia em idosos residentes em Rio Branco, Acre, Brasil: estudo transversal de base populacional, 2014. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 30, p. e2020386, 2021.

SANTIAGO, Lidiane Barbosa et al. Prevalência de sarcopenia em mulheres idosas da universidade aberta a terceira idade. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 28, 2023.

TINÔCO, Erica Elen Assis et al. Polifarmácia em idosos: consequências de polimorbidades. *Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research*, v. 35, n. 2, 2021.

VICENTINI, Geraldo Emílio et al. Prevalência de escore de risco para hipotireoidismo clássico em acadêmicos da Universidade da Terceira Idade. *Revista Faz Ciência*, v. 25, n. 42, 2023.